

MATRIZES CULTURAIS AFRICANAS NO ESPAÇO URBANO DE SALVADOR – BA

African cultural matrices in the urban space of Salvador – BA

Matrices culturales africanas en el espacio urbano de Salvador – BA

Carlos Alberto Caetano¹
Arlêude Bortolozzi²

RESUMO

O artigo problematiza questões relativas às manifestações de origens religiosas relacionadas ao sistema de matrizes culturais africanas em recorte do espaço urbano de Salvador, capital da Bahia, bem como sobre o relacionamento estabelecido pelo Poder Executivo de Salvador, com essas matrizes culturais religiosas. Tomando como ponto de partida a Lei 9.069/2016, que estabelece no PDDU, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, a criação de duas UCs - Unidades de Conservação municipais, a APA – Área de Proteção Ambiental do Vale do Ribeirão Itapuã e o Parque em Rede da Pedra de Xangô, este último um ícone totêmico considerado sagrado pelos adeptos das religiões de matrizes africanas. Os autores recorrem a Castells (1999; 2018); Woodward (2000); Hall (2015) e a textos de suas próprias autorias, além de pensadores africanos contemporâneos como Hountondji (1983); Mbiti (1975); entre outros, para analisar criticamente o processo de construção de identidades de resistência à imposição de uma lógica hegemônica globalizante.

PALAVRAS CHAVE: Matrizes africanas. Pedra de Xangô. Identidades de resistência.

Abstract

This article discusses issues related to the manifestations of religious origins connected to the system of African cultural matrices in the urban space of Salvador, Bahia, as well as on the relationship established by the Executive Power of Salvador with these religious cultural matrices. It takes as a starting point the Law 9.069 / 2016, that establishes in the PDDU, Urban Development Master Plan, the creation of two UCs - Municipal Conservation Units, the APA - Area of Environmental Protection of Valley of the Ribeirão Itapuã and the Network Park of Xangô Stone, this last one, a totem icon considered sacred by the followers of the religions of African matrices. The authors are based on Castells (1999; 2018); Woodward (2000); Hall (2015) and to texts of their own authorships, as well as contemporary African thinkers such as Hountondji (1983); Mbiti (1975); among others, to critically analyze the process of constructing identities of resistance to the imposition of a globalizing hegemonic logic.

¹ Doutorando em Geografia pela UNICAMP.

² DOCENTE do Programa de Pós-graduação em GEOGRAFIA do IG/UNICAMP.

Key Words: *African matrices. Xangô Stone. Identities of resistance.*

Resumen

El Artículo problematiza cuestiones relativas a las manifestaciones de orígenes religiosos relacionadas con el sistema de matrices culturales africanas en parte del espacio urbano de Salvador, capital de Bahía, así como sobre la relación establecida por el Poder Ejecutivo de Salvador, con esas matrices culturales religiosas. Tomando como punto de partida la Ley 9.069/2016, que establece en el PDDU, Plan Direccional de Desarrollo Urbano, la creación de dos UCs – Unidades de Conservación Municipales, la APA – Área de Protección Ambiental del Valle de Ribeirão, Itapuã y el Parque en la Rede da Pedra de Xangô, este último es un ícono totémico considerado sagrado por los adeptos de las religiones de matrices africanas. Los autores se basan en Castells (1999; 2018); Woodward (2000); Hall (2015) y en textos de sus propias autorías, además de pensadores africanos contemporáneos como Hountondji (1983); Mbiti (1975); entre otros, para analizar críticamente el proceso de construcción de identidades de resistencia a la imposición de una lógica hegemónica globalizadora.

Palabras Clave: *Matrices africanas; Pedra de Xangô; Identidades de resistencia.*

INTRODUÇÃO

A capital do Estado da Bahia, cidade do Salvador, já foi chamada de Roma Negra e tem a maioria de sua população de origem negra e mestiça. Um olhar rápido para essa população pode fazer crer, erroneamente, que há certa unidade étnica nessa gente de pele negra, cabelos crespos, andar cadenciado, roupas coloridas, jeito de falar e viver diferente de parte do restante da população brasileira. Mas, não há essa unidade étnica, essa população tem sua origem ancestral em diferentes territórios africanos e diferentes etnias, onde foi aprisionada, sequestrada, escravizada e transportada para o Brasil durante o regime colonial. Portanto, as origens dessa população remontam a diversas práticas culturais que neste artigo são chamadas de matrizes culturais africanas.

Podem ser identificadas de forma explícita pelo menos três matrizes culturais africanas manifestas no dia-a-dia dessa população, evidenciadas através de suas práticas religiosas denominadas de candomblés, onde são chamadas de “nações”, cada uma delas com uma língua mãe africana: o candomblé de nação Ketu, que fala Yorubá; o candomblé de nação Jêje, que fala Fon e o candomblé de nação Angola, que fala Bantu.

Essas línguas africanas são usadas em cantos e ritos específicos a cada “nação” do candomblé e são relativas aos territórios de origem dos ancestrais, na África. Cada “nação” tem seu próprio panteão de divindades relacionadas ao culto às forças da natureza, o que permite diálogos entre as “nações”, já que todas cultuam essas mesmas forças com nomes diferentes, cada nome em uma língua mãe de uma “nação” e no contexto da sistematização ritual, litúrgica, etc., dessa “nação”.

Numa visão inicialmente ‘simplificada’, diga-se claramente, esse é o universo que dá a característica principal da baianidade negra e mestiça: as matrizes culturais africanas diferentes que, na maioria das vezes, não são perceptíveis para o observador não informado a esse respeito.

DESENVOLVIMENTO

Foi escolhido para a interpretação proposta um recorte da capital baiana que fica no miolo de Salvador, bairro conhecido pelo nome genérico de Cajazeiras, integrado por outros bairros como Fazenda Grande I, II, III, IV e Boca da Mata, formando um sistema que contém subsistemas. Uma política pública estabelecida pela Prefeitura Municipal de Salvador é importante para a compreensão da relação que a população moradora dessa área tem com o espaço urbano a partir das chamadas matrizes culturais africanas.

A política pública

Segundo Caetano (2017, p. 78 - 79), trata-se da Lei 9.069/2016 da Prefeitura Municipal de Salvador, que dispõe sobre o PDDU/2016 da capital baiana e determina que seja

criada pelo PDDU, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador, Bahia, a APA Municipal Ribeirão Itapuã e o Parque em Rede da Pedra de Xangô, são resultados de uma longa luta de setores específicos da população de Salvador que defende a área. Muitos residentes no lugar, integrantes especialmente de organizações como a Associação Ambiental e Cultural CAJAVERDE; a Associação dos Terreiros de Candomblé de Águas Claras, Cajazeiras e Adjacências Pássaro das Águas e, mais recentemente, do Coletivo A_Cor_Dar (CAETANO, 2017, p. 78 – 79).

A proposta deste artigo, destaque-se, é uma problematização em torno do espaço urbano onde é identificada uma prática que se configura como patrimônio cultural urbano. A discussão sobre patrimônio cultural em território urbanizado como diz Bortolozzi (2008), no artigo **“Patrimônio Cultural em território urbanizado e reconstrução das cidades contemporâneas: caminhos e possibilidades da educação patrimonial”**, apresentado no X Colóquio Internacional de Geocrítica, na *Universidad de Barcelona* em 2008, valoriza a cidadania.

Bortolozzi (2008), explica que o debate sobre Patrimônio Cultural nas áreas urbanas é importante porque

discutir Patrimônio Cultural pode significar uma abertura de caminhos e possibilidades de reconstrução das cidades através de políticas de reorganização do espaço urbano, que valorizem a cidadania. Nesse sentido, a Educação Patrimonial poderá tornar-se uma estratégia importante nas propostas alternativas para um planejamento urbano associado à gestão territorial e à inserção social das comunidades (BORTOLOZZI, 2008, p. 3.)

Uma das perguntas que Bortolozzi (2008) se faz diz respeito a como à gestão das cidades se relaciona com o patrimônio cultural urbano. Ela interroga que:

Se o dilema da gestão contemporânea das cidades com relação ao patrimônio cultural é o da perda do seu valor simbólico em função do mercadológico, e isto tem provocado a exclusão social, que papel cabe à educação patrimonial desempenhar? Poderá ela contribuir para a salvaguarda deste valor? (BORTOLOZZI, 2008, p. 4 - 5).

No caso da política pública que estabeleceu a criação da APA Municipal Ribeirão Itapuã e do Parque em Rede Pedra de Xangô, as entidades envolvidas demonstraram sintonia com o valor do patrimônio cultural estabelecido nesse recorte da cidade de Salvador, são representativas do movimento social urbano que luta por mais cidadania e justiça social.

Movimentos sociais

Não se deve esquecer, portanto, que essa política pública estabelecida pela Prefeitura de Salvador envolve as culturas de matrizes africanas manifestadas no recorte urbano abordado neste artigo e resulta de um vigoroso movimento social liderado por entidades culturais, ambientais e religiosas da área.

Castells (1999) classifica os movimentos sociais por sua tendência ativa ou reativa, diferenciando uns dos outros, qualitativamente. Para Castells (1999), os do segundo tipo são mais ligados às questões que dizem respeito à existência humana milenar. Segundo o autor, os movimentos sociais

Incorporam movimentos de tendência ativa voltados à transformação das relações humanas em seu nível básico, como, por exemplo, o feminismo e o ambientalismo. Mas incluem também ampla gama de movimentos reativos que cavam suas trincheiras de resistência em defesa de Deus, da nação, da etnia, da família, da região, enfim, das categorias fundamentais da existência humana milenar ora ameaçada pelo ataque combinado e contraditório das forças tecnoeconômicas e movimentos sociais transformacionais (CASTELLS, 1999, p.18).

Esses movimentos que são chamados por Castells (1999), de reativos e que incluem a defesa de Deus, da etnia, entre outras categorias, referem-se a processos sociais que se relacionam com aspectos simbólicos, que são considerados processos diferentes por Woodward (2000). Para ela,

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. E por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais (WOODWARD, 2000, p.14).

Para que fosse estabelecida a política pública que culminou com a criação da APA Municipal Ribeirão Itapuã e do Parque em Rede da Pedra de Xangô, houve uma movimentação social liderada por ONGs de caráter religioso, cultural e ambiental, além de pesquisadores da academia, como Silva (2017). Essa política pública, portanto, é resultante de movimentos sociais identitários que possuem características relativas à construção de identidades individuais e coletivas.

É importante destacar, também, que não há neste artigo recurso a filósofos e pensadores africanos contemporâneos, embora seja possível, a título de registro contemplar os trabalhos de intelectuais africanos como Phillip Emeagualí (2003), Bolagi Idowu (1962), John Mbiti (1975), Kwasi Wiredu (1976), Paulin J. Hountondji (1983), entre outros, citados por Sophie B. Olwole, diretora do Centro de Cultura e Desenvolvimento Africano AKOKA, de Lagos, Nigéria.

Todos os autores citados no Quadro 1 podem ser acessados no site www.pequenaeleko.com. Segundo Sophie B. Olwole, no artigo “**Para os africanos a filosofia está na língua**”, deve-se compreender a importância de línguas como o Bantu, o Edo, o Hausá, o Igbo, o Swahili, o Wolof e o Yorubá, algum as delas trazidas com os negros para o Brasil e ainda vivas nos terreiros de candomblé. O Bantu, o Yoruba e o Fon (este não citado pela autora), sobrevivem como língua africana no espaço urbano de Salvador.

Esses autores apresentam, conceitualmente, um universo bastante diversificado sobre a realidade cultural africana atual e histórica. Um maior aprofundamento sobre suas teorizações requer a escrita de outro artigo somente sobre esse tema, para que o mesmo possa ser abordado em profundidade.

No entanto, destaque-se que o primeiro da lista, E. Bolaji Idowu, (Nigéria) é patriarca de uma igreja metodista e o último, Paulin Jidenu Hountondji, (Benin), faz parte de uma abordagem crítica da filosofia africanista, o que dá uma visão da complexidade de recorrer a autores africanos.

Quadro 1- Pensadores africanos, países e pensamento.

AUTOR	PAÍS	SÍNTESE DO PENSAMENTO
IDOWU, E. Bolaji	Nigéria	"A religião dos Yorubás permeia suas vidas que se expressa de formas variadas. Forma o tema das canções, torna os tópicos mais minúsculos, encontra veículos nos mitos, contos, provérbios e ditos e é a base da filosofia " (IDOWU, 1962: 5)
MBITI , John S.	Quênia	"As ideias africanas do tempo dizem respeito principalmente ao presente e ao passado, e têm pouco a dizer sobre o futuro, que em qualquer caso se espera que continue sem fim (MBITI , 1975: 34)".
WIREDU, Kwasi	Gana	"Nosso modo tradicional de entender, utilizar e controlar a natureza externa e de interpretar o lugar do homem dentro dela, modo comum à raça africana ... é intuitivo; essencialmente ... modo não-científico, não analítico, atitude não científica da mente é, provavelmente, o anacronismo mais básico e generalizado que afeta a nossa sociedade (africana). " (WIREDU, 1976: 11).
HOUNTONDI, Paulin Jidenu	Benin	"A ausência de uma transcrição certamente não desvaloriza intrinsecamente um discurso filosófico, mas impede que ele se integre a uma tradição teórica coletiva ... Assim, milhares de filósofos sem trabalho escrito nunca poderiam ter dado origem a uma tradição africana." Filosofia. A filosofia africana só pode existir do mesmo modo que a filosofia europeia, isto é, através do que se chama literatura. É difícil imaginar uma civilização científica que não seja baseada na escrita. (HOUNTONDI, 1983: 101; 99).

Fonte: OLUWOLE, Sophie B. (2019).
Elaboração própria.

Vale ressaltar que os contatos com as ciências ocidentais durante a colonização na África, além do desconhecimento das línguas nativas africanas, levaram muitos pesquisadores ocidentais a cometer erros até mesmo grosseiros em relação à cultura e à religião praticada nas colônias africanas. A restrição a comparar o pensamento africano com o pensamento ocidental é feita por Kwasi Wiredu (1976:11), um dos pensadores incluídos no Quadro 1.

No caso da Bahia, particularmente em Salvador, onde está localizada a área escolhida para a problematização sugerida por este artigo, há um certo desconhecimento por parte de alguns

pesquisadores que falam em “matrizes africanas”. Muitas vezes sem uma visão mais crítica do processo e o que permite que suas análises possam ser incluídas em contextos que favorecem a mercantilização étnica.

Pelo anúncio veiculado pelo evento Afro-Fashion Day em sua terceira edição em 24/11/2018, pode se perceber que há um certo estímulo a um modismo em relação a questão afrodescendente. Quando empresários e mesmo o Poder Executivo recorrem à estratégia de usar as matrizes africanas, é recomendável alguma cautela epistemológica.

Afro-Fashion e consumo identitário

Logo após a comemoração do Dia da Consciência Negra em 20 de novembro de 2018, surgiu em Salvador um evento denominado AfroFashion Day (Figura 1). A propaganda veiculada na mídia para divulgação do evento pode ser considerada como representativa de uma conexão com a cultura identitária como fonte de consumo no mercado “multicultural” e de uma certa mercantilização étnica no espaço urbano.

Figura 1: A apropriação da cultura de matrizes africanas pelo consumo.



Fonte: Divulgação

Assim, pode-se equacionar etnia, nesse contexto, como categoria que estabelece um relacionamento entre as pessoas, suas identidades individuais e que pressupõe o consumo da identidade cultural étnica coletiva com fins de gerar valor e obter lucro. É uma interpretação possível sobre a apropriação dos paradigmas culturais, fato que ocorre globalmente em larga escala e que é bem visível no exemplo de Salvador. A identidade cultural passa a estar “na vitrine das ruas”, como diz o anúncio, referindo-se ao que chama de “orgulho de ser”. No caso, orgulho de ser “afro” e estar integrado a uma atividade relacionada com as matrizes culturais africanas.

Trata-se de uma publicidade relacionada com a tendência expressa pela corrente multicultural, tão bem ilustrada nessa divulgação do AfroFashion Day. É possível interpretar como ocorrência de fenômeno relacionado com a identificação simbólica apropriada pelo capital que, nesse caso, pode ser denominado como **capital multicultural contemporâneo**, conceito criado especialmente para este artigo como uma categoria de análise.

A discussão que este artigo coloca diz respeito à pertinência de relacionar este conceito com a política pública estabelecida pela Prefeitura Municipal de Salvador, uma das patrocinadoras do evento.

No caso da área localizada na periferia de Salvador a que este artigo se refere, onde estão localizadas a APA Municipal do Ribeirão Itapuã e do Parque em Rede da Pedra de Xangô, objetos da política pública sobre a qual está sendo feita esta problematização, a questão relativa à identidade simbólica assume um papel relevante. Trata-se do culto e da preservação de uma pedra como ícone totêmico, portanto, simbólico e religioso, relacionado com a cultura produzida e reproduzida pelos atores sociais envolvidos. Parcela da população que compartilha uma mesma prática religiosa, a maioria de origem negra e mestiça, o que também diz respeito a uma relação desses atores sociais com o que se considera atualmente como tendência multicultural a partir da conexão com as chamadas matrizes africanas.

Pode-se perceber que tanto o mercado de consumo como a política pública de preservação do patrimônio cultural urbano, recorrem a uma estratégia de “se apropriar” da identidade estabelecida pelas chamadas matrizes culturais africanas. No caso da política de preservação do patrimônio cultural urbano, essa “apropriação” é feita por um ente representante do Estado e, no caso do mercado de consumo, pela iniciativa privada, envolvida com o mercado cultural de entretenimento e informação. O Estado a pretexto de proteger e preservar e o empresariado como estratégia de obtenção de lucro na área dita cultural.

O evento *AfroFashion Day* foi criado pelo jornal Correio da Bahia “para celebrar o mês da Consciência Negra, dando visibilidade para modelos negros, a cultura e os trabalhos de marcas locais”, como afirma a divulgação do evento.

Essa “apropriação” acaba funcionando como efeito multiplicador de identidades individuais e coletivas. Castells (2018), acentua em sua interpretação que, embora

[...] as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as

internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização. Na verdade, algumas autodefinições podem também coincidir com papéis sociais, por exemplo, no momento em que ser pai e a mais importante auto definição do ponto de vista do ator. Contudo, identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. Defino *significado* como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator (CASTELLS, 2018, p.55).

Nesse sentido, há uma fonte de significado e identificação simbólica nas relações entre setores da população de Salvador e a presença da Pedra de Xangô como um ícone da cultura totêmica religiosa (nas “nações” de candomblé Ketu, Jêje e Angola) no bairro de Cajazeiras. Em cada uma dessas “nações” a pedra é atribuída à uma entidade simbólica com o nome relativo à ela na língua mãe de cada “nação”.

Essa identificação simbólica é estruturante no caso da formação de comunidades periféricas como os terreiros de candomblé existentes na área em estudo em particular e no espaço urbano de Salvador como um todo.

No caso da política pública relativa à APA Municipal do Ribeirão Itapuã e ao Parque em Rede da Pedra de Xangô, objeto deste artigo, as questões relativas às chamadas ‘revelações de cunho religioso’ são bem explícitas no comportamento das pessoas envolvidas nesse processo e dos movimentos sociais que as representam.

Faz parte da tradição cultural afro-brasileira o culto a elementos da natureza como sendo sagrados, como é o caso de algumas pedras, como a existente na Avenida Assis Valente, identificada como pertencente a um complexo de divindades das matrizes africanas Ketu, Jeje e Angola. Por isso é considerada uma revelação fortemente geradora da construção de um tipo característico de identidade relacionada com aspectos multiculturais da sociedade baiana, uma identidade de resistência cultural considerada como um dos tipos mais importantes para a construção de identidade.

A identidade de resistência

Ao abordar a questão sobre a relação entre a construção de identidade e a formação de comunidades, Castells (2018, p.57) fala que dos três tipos de identidade aos quais se refere conceitualmente em seu trabalho, a saber, *identidade legitimadora; identidade de resistência e identidade de projeto*, uma leva de forma mais consistente à formação de comunidades. Segundo ele,

[...] a *identidade destinada à resistência*, leva à formação de *comunas*, ou *comunidades*, segundo Etzioni. É provável que seja esse o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade. Ele da origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência (CASTELLS, 2018, p.57).

A importância das identidades coletivas também é abordada por Castells (2018, p. 59) quando fala sobre o fundamentalismo religioso, onde relaciona diversas religiões, o cristianismo, o islamismo, o hinduísmo, o budismo e o judaísmo, como exemplos. Importante notar que as religiões de matrizes africanas não aparecem nas citações de Emanuel Castells, considerado um dos “maiores” sociólogos da contemporaneidade. A religião praticada na África e pelos descendentes de africanos na diáspora pelo mundo, não tem visibilidade sociológica nesse contexto. É como se a África não existisse para a ciência europeia. É como se a sociologia contemporânea desconhecesse a realidade cultural e religiosa da África e dos negros na Diáspora pelo mundo.

Castells (2018), no entanto explica que a relação entre o fundamentalismo religioso e a construção de identidade é um processo fundamental. Ele explica:

Procurarei sugerir as implicações exatas de minha análise atendo-me ao exame de uma série de processos fundamentais para a construção da identidade coletiva, selecionados por sua relevância no processo de transformação social na sociedade em rede. Iniciarei este trabalho com o *fundamentalismo religioso*, tanto em sua versão islâmica quanto cristã, o que não significa que outras religiões (por exemplo, hinduísmo, budismo, judaísmo) sejam menos importantes ou tenham menor inclinação ao fundamentalismo (CASTELLS, 2018, p.59).

Embora Castells (2018, p.60), faça a ressalva de que outras religiões são tão importantes quanto as religiões cristã e a islâmica no processo da construção da identidade coletiva com base no fundamentalismo religioso em diversas partes do mundo, não há qualquer referência às religiões de matrizes africanas, religiões negras, trazidas da África por negros sequestrados e escravizados pelo colonialismo, levados para diferentes partes do mundo contemporâneo através da Diáspora, passando a desempenhar um papel importante na construção de identidades na sociedade atual.

CONCLUSÕES

No espaço urbano de Salvador, no recorte adotado para a problematização neste artigo, uma lei oriunda da prefeitura, o PDDU/2016, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, criou uma APA municipal e um Parque em Rede atendendo às reivindicações do movimento social para proteger a Pedra de Xangô, um ícone religioso relacionado às matrizes culturais africanas.

Essa iniciativa, por si importante, no entanto precisa ser seguida da efetiva implantação do parque e de uma estratégia de proteção da área, sujeita a invasões e a construções de moradias irregulares. Além disso, se faz necessário um projeto específico de educação patrimonial que se sugere seja desenvolvido nas escolas públicas estabelecidas na área, em especial aquelas que atendem jovens e adultos, com maior poder de autonomia para se envolver numa proposta desse alcance.

Uma das escolas sugeridas é o Colégio Estadual Dona Mora Guimarães, localizado junto ao Campo da Pronaica, área bastante conhecida em toda região por ser, inclusive lugar onde são realizadas atividades esportivas ao longo de todo ano e a festa de carnaval da região.

REFERÊNCIAS

BORTOLOZZI, Arlêude. **Patrimônio Cultural em território urbanizado e reconstrução das cidades contemporâneas: caminhos e possibilidades da educação patrimonial**, apresentado no X Colóquio Internacional de Geocrítica, na *Universidad* de Barcelona, Espanha, 2008.

CAETANO, Carlos Alberto. **A ecologia de axé – as cultura de matrizes africanas no PDDU 2016 de Salvador/BA**. In: **Cidades Interativas: do contexto informacional às práticas socioespaciais integradas**. Bortolozzi, Arlêude; Berenguel, Orlando L. (orgs), São Paulo: Olho D'Água, 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** in **A era da informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 2. São Paulo: Paz & Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** in **A era da informação: economia, sociedade e cultura**, vol.2, Rio de Janeiro - São Paulo: Paz e Terra, 10ª ed. 2018.

DUCAN, J, S. O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana/ James S. Ducan. In: CORRÊA, R, L. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GADE, D. Carl Sauer e a Força da Curiosidade nas Pesquisas Geográficas/ Daniel Gade. In: CORRÊA, R, L e ROSENDAHL, Z (org). **Sobre Carl Sauer/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. 2014 p.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. 1ª reimp. Lamparina Editora; Rio de Janeiro, RJ, 2015.

HOLZER, W. O. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel./ Werther Dardel. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, L, R. (org). **Matrizes da Geografia Cultural/** Organização Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HOUNTONDJI , [Paulin J.](#) **African Philosophy: Myth and Reality**. Hutchinson University Library for Africa, 1983.

IDOWU, E. B. **Olodumare: God in Yoruba Belief**. London, Longmans, 1962.

LACOSTE, Y. **A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra/** Yves Lacoste; tradução Maria Cecília França. – 19º ed. – Campinas, SP: Papyrus , 2012.

MARTINS, F, M. **Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política/** Marcos Francisco Martins. Pro-posições Campinas, v.22, n.3 (66), p. 131-148, set./dez. 2011.

MATHEWSON, K. SEEMAN, J. **A Geografia Histórico-Cultural da Escola de Berkeley/** Kent Mathewson e Jorn Seeman. Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 24, nº 39: 71-85, jan/jun de 2008.

MBITI , [John S.](#) **Introduction to African Religion**. Heinemann Educational, 1975.

OLIVIA, L, C, S. SILVA, S, G. **A Importância da Abordagem Cultural na Geografia: uma perspectiva de aplicação/** Sorays Castro de Lima Oliveira e Gustavo Siqueira da Silva. III encontro de Geografia A geografia e Suas Vertentes: Reflexões e VI Semana de Ciências Humanas – 16 a 19 de Novembro, Instituto Federal Fluminense – Campo dos Goytacazes – RJ

OLWOLE, Sophie B.. **Para os africanos a filosofia está na língua**. Centro de Cultura e Desenvolvimento Africano, AKOKA, Lagos, Nigéria. Acessado em <https://www.pequenaeleko.com/single-post/2019/02/24/Para-os-africanos-a-filosofia-está-nas-linguas-Por-SophieOluwole>

PEET, R. Relações Sociais: a dimensão ausente na teorização de Carl Sauer/ Richard Peet. In: CORRÊA, L, R. ROSENDAHL, Z (org). **Sobre Carl Sauer/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

ROSENDAHL, Z e CORRÊA, L, R.. Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia/ Werther Holzer. In: ROSENDAHL, Z. CORRÊA, L, R. **Temas e Caminhos da Geografia Cultural/** Organização Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ROSENDAHL, Z. As Razões da Relativa Negligência/ Zeny Rosendahl. In: ROSENDAHL, Z (org). Espaço e Religião: **Uma Abordagem Geográfica/** Organização Zeny Rosendahl. 2º ed – Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

SAUER, O, C. A Morfologia da Paisagem. Carl O. Sauer. In: CORRÊA, R, L e ROSENDAHL, Z (org). **Paisagem, Tempo e Cultura/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAUER, O, S. Geografia Cultural/ Carl O. Sauer. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SILVA, Maria Alice Pereira da. **Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador**, dissertação de mestrado defendida no PPGAU/FAUFBA, (2017).

SPETH, W, W. Historicismo: a visão disciplinaria de mundo de Carl Sauer/ Wuliam W. Speth. In: CORRÊA, L, R e ROSENDAHL, Z (org). **Sobre Carl Sauer/** Organização Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. – Rio e Janeiro: EdUERJ, 2011.

SPOSITO, S, E. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico/** Eliseu Savério Sposito. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência/** Yi-Fu Tuan; tradução: Livia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2013.

WIREDU, Kwasi. **How Not to Compare African Thought with Western Thought**. Ch’Indaba 2, 1976. Reprinted in Albert G. Moskey (1995) African Philosophy Selected Readings, 159-171. Englewood-Cliffs, NJ: Prentice Hall.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ZANATA, A, B. **A Abordagem Cultural na Geografia/** Beatriz Aparecida Zanata. *Temporis(ação)* (UEG), v.1, p.249-262, 2008.

Recebido em: Junho de 2019.

Publicado em: Dezembro de 2020.